

## **O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice**

---

### ***El cuerpo viejo como una imagen con fallas: la moral de la piel lisa y la censura mediática de la vejez***

---

#### *The old body as a mistaken image: the moral of smooth skin and media censorship of aging*

---

Paula Sibilía<sup>1</sup>

**Resumo** Na era do “culto ao corpo” e da espetacularização da sociedade, instados a se converter em imagens com contornos bem definidos, os corpos humanos são desencantados de suas potências simbólicas para além dos códigos da “boa aparência”. Nesse contexto e paradoxalmente – meio século após os movimentos de liberação sexual e em plena reivindicação da subjetividade encarnada, com a “expectativa de vida” aumentando sem cessar –, novos tabus e pudores converteram a velhice num estado corporal vergonhoso. Este artigo focaliza as estratégias de censura implícita dos meios de comunicação gráficos e audiovisuais, que evitam mostrar ou retocam as imagens de corpos idosos com técnicas depuradoras e alisadoras, insinuando que ostentá-las despudoradamente equivaleria a praticar uma nova forma de obscenidade, e disseminando essa pedagogia no próprio público.

**Palavras-chave:** Velhice. Subjetividade contemporânea. Imagem. Visibilidade. Culto ao corpo.

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da UFF, autora de *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais* (2002), *O show do eu: A intimidade como espetáculo* (2008) e *Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão* (2012), pesquisadora do CNPq e Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ.

**Resumen** *En la era del “culto al cuerpo” y en plena espectacularización de la sociedad, instados a convertirse en imágenes con contornos bien definidos, los cuerpos humanos se ven desencantados de todas sus potencias simbólicas que exceden los códigos de la “buena apariencia”. En ese contexto y paradójicamente —medio siglo después de los movimientos de liberación sexual y cuando rige una reivindicación de la subjetividad encarnada, con la “expectativa de vida” aumentando sin cesar—, nuevos tabúes y pudores convirtieron a la vejez en un estado corporal vergonzoso. Este artículo examina las estrategias de censura implícita en los medios de comunicación gráficos y audiovisuales, que evitan mostrar o retocan las imágenes de cuerpos viejos con técnicas depuradoras y alisadoras, insinuando que ostentarlas impudicamente equivaldría a practicar una nueva forma de obscenidad, y diseminando esa pedagogía en el público.*

**Palabras-clave:** *Vejez. Subjetividad contemporánea. Imagen. Visibilidad. Culto al cuerpo.*

**Abstract** *In times of the “cult of the body” and “the society of spectacle”, human bodies are required to become well-defined images, while they are disenchanting from all those symbolic powers that exceed the “good looking” codes. In this context and paradoxically —half a century after the sexual liberation movements and when a recognition of a embodied subjectivity rules, with a continuous increasing “life expectancy”-, emerging taboos and a new sense of decency turn old age into a state of body shame. This essay analyses the strategies of implicit censorship performed by graphic and audiovisual media that avoid showing the images of old bodies by retouching them using refining techniques, implying that showing them would be a new kind of obscenity, and spreading those skills among the public.*

**Keywords:** *Aging. Contemporary subjectivity. Image. Visibility. Cult of the body.*

---

Data de submissão: 17/08/2012

Data de aceite: 24/10/2012

*É pena que uma criatura tão radiosa deva envelhecer – suspirou Wilde.*

*– Realmente – concordei – Que beleza se Dorian pudesse ficar exatamente como é, e o retrato envelhecesse e se enrugasse em seu lugar! Faço votos para que seja assim.*

Oscar Wilde<sup>2</sup>

*Quando fiz 50 anos parece que me tornei invisível. Ninguém mais diz nada, um elogio, um olhar, nada. É a coisa que mais me dá a sensação de ter me tornado uma velha.*

Professora, 55 anos – Coroa<sup>3</sup>

Não é fácil ser velho no mundo contemporâneo – ser velha, então, pior ainda! Essas asseverações podem soar paradoxais, num momento histórico que possibilitou como nunca antes a expansão quantitativa e qualitativa da vida, especialmente no que tange às mulheres. Dentre as muitas características inéditas desta época, contam-se tanto a crescente participação feminina em todos os âmbitos – inclusive nos mais altos escalões do poder, com liberdades equiparáveis aos homens nos diversos planos da existência – como o fato incontestável de que a população mundial está envelhecendo. Além de ter se reduzido a taxa de fertilidade por habitante, e, portanto, o número relativo de nascimentos, os incríveis avanços tecnocientíficos das últimas décadas não cessam de desafiar os limites que tradicionalmente restringiam os corpos humanos, diminuindo tanto a morbidade como a mortalidade. As características biológicas de cada sujeito e da espécie em geral se revelam cada vez menos intransigentes diante da intervenção técnica, enquanto o leque de experiências

<sup>2</sup> WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 15.

<sup>3</sup> GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008. A frase foi extraída de entrevistas concedidas à antropóloga brasileira durante sua pesquisa.

individuais e coletivas exprime uma diversidade jamais vista, capaz de transbordar os horizontes da condição humana empurrando seus confins rumo a territórios impensados.

Todas essas fronteiras estão se deslocando: antes consideradas rígidas e estáveis, determinadas por forças inabaláveis como os desígnios naturais ou divinos, agora vivenciam uma dilatação e até mesmo uma metamorfose, que amplia seu escopo para além do que há pouco tempo se considerava possível. Nesse contexto, a estrutura orgânica que conforma os corpos humanos parece estar em plena mutação: suas antigas margens se redesenham constantemente, colocando em xeque até mesmo a terrível baliza da finitude. Nos últimos cem anos, a expectativa de vida da população mundial tem se duplicado. Quem nascesse em terras brasileiras no início do século passado, por exemplo, esperaria viver menos de 34 anos; foi só na década de 1980 que essa probabilidade atingiu um patamar que pode se considerar “idoso”, ao chegar aos 63 anos.<sup>4</sup> Na passagem para o século XXI, a estimativa superou a marca das sete décadas de vida para os cidadãos do Brasil, em meio a estatísticas que já davam conta de um novo fenômeno: o envelhecimento da população nacional.<sup>5</sup> Em nível planetário, o perfil demográfico também foi mudando: enquanto em alguns países a expectativa de vida já ultrapassa as oito décadas, calcula-se que o número de pessoas com mais de sessenta anos triplicará até 2050, chegando aos dois bilhões; então, a população dessa faixa etária excederá a quantidade de adolescentes e crianças menores de quatorze anos de idade.<sup>6</sup> Os anciões, portanto, além de serem cada vez mais velhos e mais fortes, logo serão maioria – sobretudo as damas, cujo calendário vital insiste em avantajá-las o dos cavalheiros.

À luz desses dados, caberia perguntar: o que pode, hoje, um corpo? Uma resposta parece óbvia: os corpos humanos podem cada vez mais e,

<sup>4</sup> KALACHE, A; VERAS, Renato; RAMOS, Luiz Roberto. O envelhecimento da população mundial: Um desafio novo. In: *Rev. Saúde pública*, São Paulo, v. 21, p. 200-10, 1987.

<sup>5</sup> Esses dados procedem da pesquisa sobre “Tendências Demográficas”, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – <http://www.ibge.gov.br>.

<sup>6</sup> Essas informações provêm da Organização das Nações Unidas (ONU), “Demographic and Social Statistics”. Disponível em: <http://unstats.un.org/unsd/demographic>.

além disso, podem durar mais tempo. Por outro lado, as mulheres e os homens contemporâneos sabem que eles próprios são os orgulhosos artífices de todas essas conquistas, fecundadas ao longo da segunda metade do século passado para se consolidar nas últimas décadas. Não se trata apenas de uma esticada na duração e na “quantidade de vida”. Essa tendência vem acompanhada de uma ênfase num conceito mais complexo: a tecnociência e o mercado oferecem um profícuo cardápio que visa a aumentar, também, a “qualidade de vida”. Embora esta outra categoria seja bem mais esquivada às definições e muito mais complicada na hora de ser medida; porém, de todo modo, não há dúvidas de que os vetores históricos imprimem sua influência na conformação dos corpos e das subjetividades, e essa noção já impregna nossa era. Fatores socioculturais, econômicos e políticos exercem uma pressão sobre os sujeitos dos diversos tempos e espaços, estimulando a configuração de certas formas de ser e inibindo outras modalidades. Por isso, dentro dos limites desse arcabouço flexível e poroso que é o organismo da espécie *homo sapiens*, as sinergias históricas que vigoram em determinada época incitam certos desenvolvimentos corporais e subjetivos, ao mesmo tempo em que bloqueiam o surgimento de formas alternativas.

Por todos esses motivos, se os contornos do corpo humano estão se redefinindo atualmente, essa proeza não se deve apenas às maravilhosas soluções técnicas que não param de se multiplicar, mas também a outras transformações que afetam as sociedades ocidentais cada vez mais aglutinadas e conectadas pelas redes dos mercados globais. Assim, se o envelhecimento e a morte sempre constituíram graves limites para a expansão dos corpos humanos, hoje essas barreiras estão sendo dinamitadas. As novas ciências da vida sonham com a possibilidade de “reprogramar” esses corpos para torná-los imunes às doenças, driblando tanto as penúrias da velhice como a fatalidade de morte. Trata-se do ancestral sonho da eterna juventude, renovado como uma grande ambição da nossa época e como uma promessa que, talvez, logo estará à disposição de todos – ou, pelo menos, de todos aqueles que tenham condições de pagar por tão magnífica receita.

Essa última ressalva merece ser sublinhada, pois caso tal panaceia venha de fato a ser descoberta, sem dúvida ela não surgirá sob a forma de uma viagem mística rumo a algum tipo de “além”, nem tampouco como qualquer outra opção que envolva um fluxo de energias sobrenaturais ou extraterrenas. Se esse milagre se concretizar entre nós, adquirirá as feições prosaicas de uma mercadoria ou de toda uma linha de produtos e serviços; e, como tal, estará sujeito a um preço que poderá ser pago em diversas modalidades e com facilidades de crédito. Mas além de se desenvolver no cerne da cultura mercadológica em que vivemos, esse delírio técnico tão contemporâneo implica um correlato moral bastante complexo, com faces contraditórias e inúmeros desdobramentos, cujos indícios irradiam por toda parte e clamam por serem indagados. Vale a pena começar potencializando o estranhamento: como foi anunciado na abertura deste ensaio, não é fácil ser um corpo velho hoje em dia, por mais paradoxal que isso soe numa época que ampliou o direito à velhice de forma inédita e desativou quase todos os tabus que constroem as realizações corporais.

### **O mito cientificista e as técnicas de rejuvenescimento**

A perplexidade inicial se reformula aqui: por que, apesar de todos esses evidentes avanços e considerando as claras vantagens que implica viver nestes começos do século XXI, é tão difícil assim ser velho (ou velha) no mundo contemporâneo? Cabe notar que a palavra resulta até ofensiva, como uma espécie de insulto que deveria ser suavizado com o uso de expressões mais politicamente corretas, tais como “terceira idade” ou “melhor idade” – esta segunda fórmula, aliás, cúmulo dos eufemismos e da hipocrisia, tem se popularizado incrivelmente em anos recentes. Tudo isso quando, a rigor, como afinal sabemos e como bem a denominara Simone de Beauvoir em seu livro implacável, limpamente intitulado *A velhice*, trata-se da “última idade”. Claro que essa fatalidade não é algo que se degluta com resignação e leveza, sobretudo

numa época como esta, quando a tecnociência parece ter se instalado na derradeira trincheira do encantamento e da magia. Curiosamente, pois, nestes inícios do século XXI, as míticas potências da ciência e da técnica prometem tudo manter sob controle, deixando nas mãos de cada indivíduo as decisões relativas a seu próprio destino. Se esse projeto ainda tem falhas e não se realizou por inteiro, os discursos midiáticos garantem que logo essas poucas arestas que ainda desentoam também serão polidas e então, sim, tudo será tecnicamente possível. Inclusive o sonho mais ambicioso de todos: o de preservar a juventude e conquistar a imortalidade.

Contudo, enquanto ainda não se consuma esse fabuloso anseio, irrigado sem pausa pelo “mito cientificista” que enfeitiça nossa era, o tempo vai passando e nossos corpos envelhecem lastimosamente. Algo que acaba motivando toda sorte de desesperos e angústias, para cuja mitigação carecemos de antídotos. A fim de nos ajudarmos a lidar com tamanho desatino, portanto, a própria tecnociência – em sua tácita aliança com a mídia e o mercado – oferece um imenso catálogo de soluções alternativas e sempre temporárias, embora supostamente eficazes, que visam a contornar essa defasagem entre tão soberbas ambições e as metas ainda modestas que por enquanto são atingíveis. Nesse acervo se incluem tanto as diversas técnicas de rejuvenescimento corporal como as drogas para apaziguar a alma, visto que as primeiras jamais conseguem a eficácia prometida e o decepcionado consumidor precisará, portanto, de algum outro consolo. Num ensaio dedicado a examinar o “culto da performance” na sociedade atual, por exemplo, o sociólogo francês Alain Ehrenberg cita um relatório oficial do seu país que chama a atenção para o enorme incremento da prescrição de medicamentos psicotrópicos “como modo de responder às dificuldades existenciais da terceira idade”.<sup>7</sup> Dentre os doze remédios desse tipo mais consumidos na atualidade, dos tranquilizantes aos estimulantes, quatro são utilizados sobretudo pela parcela mais idosa da população.

<sup>7</sup> EHRENBURG, Alain. *O culto da performance: Da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Ed. Ideias e Letras, 2010. p. 133.

Nada disso é inexplicável, porém: esse tipo de apoio técnico é necessário para suportar o peso da velhice numa sociedade como a nossa, que não dispõe de outros sortilégios para lidar com o fato terrível que implica envelhecer a olhos vista. Quando a racionalidade instrumental se impõe como uma linguagem universal, capaz de estender a todos os domínios sua lógica do cálculo, da técnica e do mercado sem deixar nada de fora, não espanta que a própria vida também seja tratada nesses termos. Assim como ocorre com todos os outros vetores da ação pública e privada, a *bio-política* contemporânea foi absorvida pelo “espírito empresarial” e pelas doutrinas mercadológicas que o insuflam: um modo de funcionamento que permeia todas as instituições e recobre todos os âmbitos. Em consequência, tanto a vida de cada indivíduo como a da espécie humana – e, inclusive, a do conjunto da biosfera – são pensadas e tratadas de acordo com essas regras do jogo cada vez mais monopólicas. É nesse sentido que todo e qualquer corpo se define, também e de modo crescente, como um “capital”.

Especialmente no Brasil, de acordo com as pesquisas da antropóloga Mirian Goldenberg, o corpo humano se apresenta como “um verdadeiro capital físico, simbólico, econômico e social”.<sup>8</sup> Explicar-se-ia assim, por exemplo, o prestígio das modelos, profissão almejada por “nove em cada dez garotas” do país; afinal, o principal “capital” de que dispõem essas estrelas que deslumbram nas passarelas “é o corpo magro, jovem e belo”.<sup>9</sup> O valor desse ativo financeiro de cada um se estabelece em função de diversas variáveis, todas elas sujeitas às flutuantes cotações dos mercados nos quais o corpo em questão se movimenta. Apesar dos vaivéns e da insegurança que costumam afetar esse tipo de instâncias como critérios de valorização dos quais dependemos quase exclusivamente para julgar o que somos, sabe-se que um corpo velho hoje vale menos que um corpo jovem. “Poucas coisas ficam melhores com o tempo”, afirmava com impassível frieza uma publicidade veiculada em vários jornais e revistas

<sup>8</sup> GOLDENBERG, Miriam (Org.). *O corpo como capital*. Estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2007. p. 13.

<sup>9</sup> GOLDENBERG, Miriam (Org.). op. cit. p. 27.



brasileiros no ano de 2008. Inclusive, ou sobretudo, o anúncio sugeria que essa incapacidade para melhorar com o tempo é inerente aos seres humanos. Mais exatamente, aliás, às mulheres. Pois, de fato, longe de melhorarem com o inexorável transcorrer dos anos, os corpos vivos – em particular, os femininos – costumam inchar, deformar-se e até mesmo despencar estrepitosamente.

Para ilustrar tamanha certeza, o mencionado aviso optava por estampar quatro imagens bem eloquentes nas páginas das publicações. Uma ao lado da outra, essas fotografias mostravam um torso feminino sem rosto, quase anônimo: do meio do peito até logo acima dos joelhos. As roupas e outros detalhes sugeriam que se tratava da mesma pessoa, de nome Carla, porém fotografada em diferentes épocas: sua silhueta em quatro temporadas sucessivas. Nesse trânsito do primeiro até o último degrau temporal, a moça ficava cada vez menos jovem e esguia. A intenção da mensagem, tão tosca como eficaz, consistia em ressaltar que houve um declínio no decorrer desse período: em quatro rápidos anos, o corpo de Carla se deteriorou, passando de ser uma jovem atraente a uma senhora um pouco entrada em carnes. Sob o estigma dessa última condição, quase se insinua que ela teria deixado de ser mulher: por causa das marcas temporais, a figura retratada perdeu o direito de ser considerada “gostosa”, por exemplo, algo que constitui “uma das maiores dores de envelhecer” para as mulheres brasileiras, pois implicaria “tornar-se invisível para os homens”, serem banidas do “mercado da sedução”.<sup>10</sup> Derrapar para esse campo da invisibilidade acarreta sérias implicações na “sociedade do espetáculo” em que vivemos. No final desse percurso, que vai da juventude até a idade adulta, essa pessoa que deixou de ser jovem teria dilapidado boa parte do seu capital corporal e, após esse esgotamento, encontrar-se-ia à beira de uma virtual inexistência.

O que aconteceu com essa mulher não faz mais do que confirmar a declaração incontestável exprimida no lema daquela propaganda: pou-

<sup>10</sup> GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 95.

cas coisas melhoram com o tempo. Quase nada se aprimora ao envelhecer, aliás, mas tudo o contrário. Uma exceção incomum a essa magna lei da natureza seria o caso de *Desperate Housewives* e *Grey's Anatomy*, precisamente, os produtos que o anúncio se ocupava de promover. “Duas das séries de maior sucesso da televisão” que, pelo jeito, teriam a incomum capacidade de desafiar a dura sina que afeta as Carlas e Marias de carne e osso. Pois, ao avesso do que ocorre com as fêmeas da espécie humana, essas séries de televisão, elas sim, valha a ressalva, “a cada ano estão melhores”. Apesar de sua autoevidência, essa afirmação que se apresenta tão óbvia sob a luz das ilustrações merece certa análise. Porque essa incapacidade para melhorar com a passagem do tempo, que parece intrínseca a quase tudo sob a égide do capitalismo contemporâneo – exceto, talvez, para alguns vinhos e programas de televisão – também contradiz certas crenças que ainda parecem deter algum valor, referidas ao acúmulo de experiência e à consequente riqueza em termos de amadurecimento que esse processo envolveria.

### **Experiência, *lifting* e pobreza: um mercado de capitais?**

Nessa vertigem do descartável e da obsolescência, que tudo parece arrasar no espasmódico ritmo da atualidade, caberia indagar o que restou do clássico enaltecimento da experiência: aquilo que constituía a base da sabedoria dos anciões em culturas mais respeitosas desses valores, por exemplo, e que em plena pujança modernizadora poderia levar ao “progresso” e ao aprimoramento como fruto do aprendizado. De acordo com esse tipo de relatos, a bagagem destilada pela vagarosa ruminação das vivências – tanto as pessoais como as coletivas – costumava ser apreciada como algo benéfico, inclusive na pragmática cultura moderna e sob a lógica produtivista do capitalismo. Tudo isso podia ser considerado um valioso “capital”, aliás, que se colhia ao longo da vida e se procurava resguardar com todo o cuidado, ou até mesmo como um tesouro sem preço. Agora, porém, o tempo só parece responsável por despejar sobre nossos

corpos uma porção de coisas indesejáveis, tais como rugas, manchas, varizes, pelancas, adiposidades, estrias e outras aberrações. Além dessas punições claramente visíveis e palpáveis, o envelhecimento também acaba enferrujando certos mecanismos delicados, tais como a criatividade e o dinamismo próprios da atitude juvenil, deteriorando assim todos os elementos que porventura constituem o que somos.

Não tem jeito, então: o material de que estamos feitos se degrada com os avanços da idade. Por isso, como proferia aquela publicidade, os corpos só podem ficar “piores” com o passar do tempo. O problema se agrava ao constatar que, cada vez mais, corpo – e tão somente corpo – é *tudo* o que somos. Em consequência dessa transmutação, não é “apenas a carne” que se deixa corromper, por exemplo, como rezariam outras narrativas. É cada um de nós, por inteiro, o que “piora” irremediavelmente ao envelhecer: tudo o que nos constitui perde valor quando nos tornarmos velhos, pois nesse cruel processo ocorre uma gradativa descapitalização de nossas púberes virtudes. “Aumente seu capital-juventude”, convida o típico anúncio de um produto cosmético qualquer, estampado na página de uma revista e ilustrado com a face reluzente de uma jovem modelo. A mercadoria à venda se descreve como “*skin saver chrono*”, uma sorte de *economizador* ou *salvador* da pele, recorrendo a uma linguagem que tira proveito das ambiguidades entre o léxico mercantil e o vocabulário religioso. Além disso, associa-se ainda às potências míticas da divindade grega do tempo, Chronos, embora o faça sob um verniz cientificista e no idioma que mais lhe convém: o inglês, mesmo num aviso que emite seus raios dentro de uma revista francesa. Todos os ingredientes das nossas poções mágicas estão aí, portanto, e é claro que há um preço mais ou menos módico a se pagar por tamanha promessa de felicidade, que deixará “sua pele 70% mais jovem, 88% mais lisa e 94% mais hidratada”.

Alguns ecos dignos de atenção jorram das mensagens desse tipo, que marcam o compasso desta época com sua particular combinação de puerilidade e cinismo, e que tantos dividendos devem render às indústrias cosméticas e publicitárias. Em 1949 e com seu tom raivoso, Simone de Beauvoir denunciara a denegrada condição feminina nas

páginas de seu livro *O segundo sexo*, afirmando que “o corpo da mulher é um objeto que se compra: para ela, representa um capital que ela se acha autorizada a explorar”.<sup>11</sup> A mais curiosa dessas ressonâncias é que, mais de seis décadas após que tais constatações foram ruidosamente emitidas – e apesar de todos os avanços nas conquistas de direitos e nas mudanças socioculturais que se sedimentaram no mundo desde então –, não perdeu validade essa noção do corpo juvenil da fêmea humana como um capital que convém investir com bom timo porque vai se desgastando inelutavelmente. Essa peculiar mitologia não só não se esgotou, como parece ter crescido na medida em que se estendeu para outros segmentos do mercado: longe de se limitar às moças casadoiras, agora alcança também as *coroas* e, inclusive, os varões de todas as idades.

“A beleza também é coisa de homens”, ensina um anúncio ilustrado com o corpo nu de um rapaz em pose escultórica que, pudicamente, esconde seu rosto. E logo alerta que, “para além da cosmética e da ginástica”, ou seja, quando esses recursos menos invasivos se revelam insuficientes, vale a pena recorrer à “medicina estética” e à “cirurgia plástica”, sobretudo se a intenção é resolver problemas como “alisar ou rejuvenescer o abdome”, “melhorar nariz, orelhas e queixo”, “recuperar o cabelo”, “eliminar o pelo corporal”, “branquear os dentes”, “perder peso e eliminar gorduras”. Numa ardilosa tentativa de negociar com as resistências culturais que ainda atrapalham a consolidação desse promissor mercado, este aviso espanhol defende o “profissionalismo” da equipe que opera nessa “organização médico-estética” que seria a “mais avançada da Europa”, utilizando “os últimos avanços tecnológicos” para satisfazer os requerimentos de sua distinta clientela. A argumentação finaliza com os seguintes apelos: “não desista de melhorar” e “se você é homem, ligue para nós”. Pode soar convincente ou não, mas dista muito de ser a única estratégia colocada em prática para adubar esse solo que se adivinha fértil. “A nova dimensão do

<sup>11</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. A experiência vivida. V. 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. p. 170.

homem”, proclama o slogan de outra “clínica de estética masculina” que, sem se arriscar a mostrar foto alguma, enumera sobriamente os diversos serviços oferecidos para instilar essa dimensão masculina recém-inaugurada, tais como: preenchimento cutâneo, emagrecimento, implante capilar, estética facial e corporal, depilação e *botox*.

“Afinal, você merece livrar-se das marcas de preocupação”, explica outra propaganda de cosméticos, muito semelhante às que tradicionalmente interpelam o público feminino, embora ilustrada com a fotografia de um belo rosto masculino – cujos olhos, porém, aparecem emoldurados por finas rugas. Discreta e didática, essa outra publicidade brasileira destinada aos homens contemporâneos também se vê na obrigação de explicar os motivos da sua proposta, algo que não requer esclarecimento algum quando o público-alvo é composto de mulheres: “nos dias de hoje”, adverte o texto do anúncio, “cuidar da aparência também significa estar informado e atualizado”. E logo depois recomenda ao consumidor que consulte o pitoresco site *rugasmuncamais.com.br* na internet caso deseje obter mais informações. “Derrotado pela calvície?”, pergunta ainda um aviso mexicano, enquanto mostra um homem com a cabeça debruçada em sinal de humilhação pelo aludido fracasso, cuja solução também está à venda: “inovadoras técnicas dão como resultado um transplante imperceptível” que “minimiza a cicatrização”.<sup>12</sup> Em suma, as mensagens desse tipo, cada vez mais habituais, dão conta da voraz universalização dessa noção do corpo como um capital cujo valor atingiria seu ápice na adolescência, tanto para as mulheres como para os homens. Uma vez atravessado esse umbral, exige-se muita habilidade na administração dos investimentos individuais para que a própria aparência não delate a vergonhosa descapitalização trazida pela idade.

<sup>12</sup> O artigo destaca várias citações de textos de anúncios publicitários, procedentes de diversos países e de publicação recente (todos da última década), referidos a uma variedade de produtos ou serviços destinados ao cuidado da aparência corporal no sentido de preservar o aspecto juvenil. Optou-se por não mencionar as marcas de cada uma das mercadorias anunciadas, pois não se trata de efetuar uma análise desses textos; em vez disso, a intenção é observar tais objetos midiáticos como sintomas culturais do fenômeno analisado no ensaio.

## A carne maldita e a pureza das imagens

“A velhice é a pior de todas as corrupções”, sentencia uma frase de bronze atribuída a Thomas Mann. Aliás, como se sabe, a litania que aqui nos ocupa não envolve apenas os discursos midiáticos, tecnocientíficos e mercadológicos, essa tríplice aliança que comanda a produção de verdades na contemporaneidade. De fato, tanto a história da arte como a filosofia e a antropologia sulfuram cavilações dessa ordem. E quem seria capaz de refutar tão pristina obviedade? Alude-se, que dúvida pode caber, a essa tendência à decrepitude corporal que costuma compassar o ciclo regular das temporadas e que culmina com o escândalo da morte: a pior das corrupções. Mas se hoje proliferam as técnicas dedicadas a evitar essa catástrofe é porque essa evidência está se tornando cada vez mais verdadeira, mais pesada e até mesmo absolutamente indiscutível. Isso se deve, em boa parte, ao fato de que não dispomos de outras fontes de encantamento para os corpos nem para o mundo, que sejam capazes de contrabalançar o monopólio do mito cientificista – ou, pelo menos, de arranhar um pouco a despótica racionalidade instrumental que o alicerça – compensando suas fraquezas com outros arranjos simbólicos e outras narrativas cosmológicas.

Diante dessa indigência mítica e espiritual que marca a cultura contemporânea, não surpreende que os julgamentos morais mais ferozes apontem para aqueles que sucumbem no esforço de se enquadrar sob as coordenadas da *boa forma*. Todos eles são acusados de serem negligentes nessa empreitada, mesmo tendo à sua disposição o portentoso arsenal fornecido pela tecnociência, pela mídia e pelo mercado. Apesar da inevitável frustração que tal círculo ilusionista acaba provocando, essa mesma insatisfação se converte em seu melhor combustível porque ela impulsiona a parafernália que promete retardar o fatal declínio. Como resultado, uma miríade de produtos e serviços é anunciada em constante festival, com sua retórica especializada em garantir as mais desvairadas certezas. Sublinha-se, sobretudo, sua capacidade de ajudar as vítimas dessa *biopolítica* imperfeita a dissimularem os inevitáveis destroços que essa fera impiedosa – a velhice – ainda teima em imprimir no aspecto físico de

cada um. A força dessa vontade contrariada alimenta, assim, o riquíssimo mercado da purificação, constituído por toda sorte de antioxidantes, hidratantes, drenagens, lipoaspirações e estiramentos com vocação rejuvenescedora das aparências. A meta perseguida por esses truques quase alquímicos baseados em fórmulas com sisudo sotaque tecnocientífico – a maioria deles caros, muito caros – consiste em mascarar os estragos do tempo nas superfícies visíveis dos pobres corpos vivos. Quanto menos jovens se tornarem tais organismos, mais dignos de pena ou desprezo parecerão, por serem incapazes de disfarçar sua essência tão miseravelmente humana ao madurar e decair.

Mas por que tanto empenho numa luta que, sob todas as luzes e apesar de certo otimismo reinante, continua condenada ao fracasso? Uma possível resposta seria a seguinte: porque nesta “sociedade do espetáculo” que insta a obter celebridade midiática para poder “ser alguém”, e que avalia quem é cada um pelo que se vê em sua superfície corporal e em sua atuação puramente visível, a velhice é um direito negado. Ou, pelo menos, se envelhecer ainda é inevitável para todos aqueles que tiverem a fortuna de não morrer prematuramente, proíbe-se exibir o aspecto que os avanços da idade costumam denotar. Assim, em meio a essa crescente tirania das aparências juvenis, a velhice é censurada como se fosse algo obsceno e vergonhoso, que deveria permanecer oculto, fora da cena, sem ambicionar a tão cotada visibilidade. Um estado corporal a ser combatido – ou, como mínimo, sagazmente dissimulado – por ser moralmente suspeito e, portanto, humilhante. Algo indecente que não deveria ser exibido; pelo menos, não sem recorrer aos convenientes filtros e aos pudicos retoques que nossa era inventou para tal fim e que, com crescente insistência, põe à disposição de todos e nos convoca a utilizá-los.

Assim, em plena vigência desses valores que ratificam a cristalização de uma nova moralidade, os cenários privilegiados dos meios de comunicação audiovisuais evitam mostrar imagens de corpos velhos. As revistas de páginas brilhosas só publicam esse tipo de fotografias em raras ocasiões: quando se considera estritamente necessário e, mesmo nesses casos, contando sempre com o auxílio das ferramentas de edição de imagens, como

o popular *PhotoShop*. Mas não se trata apenas das fotos fixas: no cinema e na televisão, os corpos idosos também são polidos com um arsenal de técnicas depuradoras e alisadoras das imagens em movimento, tais como o software *Baselight*. No Brasil, por exemplo, a poderosa rede Globo utiliza essa tecnologia desde 2006 para aprimorar a qualidade visual das telenovelas que produz. Uma reportagem sobre o assunto publicada nesse mesmo ano numa revista comentava os resultados da novidade com certa admiração, afirmando que as atrizes Regina Duarte e Natália do Vale – na época com 59 e 54 anos de idade, respectivamente – apareciam na tela “com uma pele tão lisa que pareciam recém-saídas de uma cirurgia estética”. Os representantes da emissora, porém, declararam na mesma matéria que não se tratava de “um programa de rejuvenescimento”, mas de “um método para corrigir pequenos defeitos de gravação, valorizar cores e detalhes ou minimizar marcas e manchas na pele”.<sup>13</sup> O fato é que tanto o cuidado dos atores como a intervenção técnica nas figuras corporais plasmadas nas telas se incrementaram com o aumento da resolução da imagem devido às tecnologias de transmissão digital, que captam cada detalhe com crescente nitidez, delatando qualquer imperfeição na limpidez das peles filmadas.

São duas, portanto, as etapas essenciais desse polimento que censura e retifica os relevos corporais para tentar adequá-los aos exigentes padrões da boa forma. Em primeiro lugar, há um intenso processo de dissimulação na própria carne, que cada indivíduo deve praticar como parte importantíssima do “cuidado de si” em sua versão mais contemporânea, recorrendo às diversas técnicas disponíveis no mercado como quem re-desenha cotidianamente uma imagem cada vez mais imperfeita. Depois, já no segundo ato deste drama, a própria reprodução imagética desses mesmos corpos também é retocada graças à utilização de “bisturis digitais” que operam sobre as silhuetas transformadas em pixels, na tentativa de devolver certa “decência” a essas linhas e esses volumes visivelmente “obscenos”. Tal possibilidade de corrigir as próprias falhas corporais nas onipresentes telas informáticas já está disponível, inclusive, no

<sup>13</sup> ALVES JR., Dirceu. Imagens valorizadas pela tecnologia. *Isto é Gente*, São Paulo, 07 ago. 2006.



menu básico das câmeras digitais de uso doméstico e nos mais simples computadores do lar: assim, agora, portanto, qualquer um pode aplicar os mecanismos alisadores de pele a suas próprias fotografias.

Quanto aos meios de comunicação de massa, por sua vez, eles só abrem suas cobiçadas vitrines para expor os vultos de uns poucos homens e mulheres “maduros”. Quais? Aqueles que, de alguma maneira, não parecem tão velhos assim. Um seleta grupo de damas e cavalheiros que, por obra de um milagre ou de outro, conseguem sair mais ou menos airosos dessa ingrata tarefa da dissimulação e, por tal motivo, viram preciosos exemplares dessa espécie rara: os *bem-conservados*. Assim, como fósseis vivos, com seus gestos e movimentos habilmente petrificados sob os flashes, tornam-se merecedores de admiração devido a uma mistura de sorte genética e trabalho árduo. O público global se vê regularmente exposto às radiações desses rostos e corpos cuidadosamente escolhidos e muito bem-arrumados, cujo esplendor resulta de um exaustivo labor em ambas as etapas primordiais da purificação recém-mencionadas. Muitos deles já superaram os cinquenta ou sessenta anos de vida na Terra, mas ainda mantêm certa dignidade porque sabem ostentar uma aparência relativamente juvenil. Não por acaso, as imagens projetadas por essas celebridades que parecem mantidas em formol costumam ser vampirizadas pela indústria dos cosméticos, que as capitaliza para vender esperanças a todos aqueles que, ao contrário delas, fracassam com estrondo no difícil mercado dos prodígios antienvelhecimentos. As mulheres, mais uma vez, são especialmente sensíveis a tais apelos e, por idêntica razão, costumam ser as mais solicitadas nessa interlocução, embora o mercado masculino também esteja crescendo a toda velocidade.

“Nutre sua pele de juventude”, prometia a publicidade de um produto ancorado na imagem de Sharon Stone, por exemplo, quando contava pouco mais de meio século de vida. Na foto, a nudez da atriz aparecia apenas coberta por uma leve camisola de seda preta – e, é claro, por uma boa dose de retoques digitais –, enquanto lançava um olhar tão sedutor como acusador para a potencial consumidora de sua mágica mercancia. O seleta time dessas estrelas maduras e exemplares

inclui outras divas que se encontram em fases mais ou menos avançadas de sua “decadência corporal” mas ainda conseguem vender uma imagem atraente com o auxílio da maquinaria midiática, mercantil e tecnocientífica, tais como as atrizes Demi Moore, Juliette Binoche, Julia Roberts, Jane Fonda e a cantora Madonna, por exemplo. Essas duas últimas celebridades, aliás, foram as principais responsáveis pela inauguração da moda dos exercícios físicos praticados com rigor monástico e cotidiana devoção a partir da década de 1980, e pela consequente “democratização” do direito a se ter um corpo *sarado* – bem como do dever, cada vez mais intransigente, de se consegui-lo a qualquer custo. Agora com mais de setenta e cinquenta anos de idade, respectivamente, ambas continuam fazendo todo o possível para manter tais bandeiras erguidas com certa galhardia, e costumam colocar suas figuras a serviço dessa missão catequizadora.

### **A moral da pele lisa: censurando as rugas obscenas**

Trata-se de uma questão de imagem, evidentemente. No império da cultura audiovisual hoje triunfante, a catástrofe se estampa nos traços *visíveis* do envelhecimento, que se consideram marcas de fraqueza ou sinais de uma derrota e, por tal motivo, seriam moralmente condenáveis. À luz desse julgamento, ter a coragem de ostentá-los despidoradamente equivale a praticar uma nova forma de obscenidade. Mas o que se ofenderia exatamente com tal desvergonha? Assim como acontece com todas as outras “imperfeições” e “impurezas” que o tempo cinzela nos corpos humanos, as rugas constituem uma afronta à tirania da pele lisa sob a qual vivemos. Algo mais escandaloso, enfim, que qualquer volúpia superexposta, porém bem torneada. Porque hoje se rejeita “tudo que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido”, conforme explica o antropólogo francês Jean-Jacques Courtine em sua análise sobre o surgimento de um novo tipo de corpo, na segunda metade do século XX: o dos fisicultu-

ristas californianos.<sup>14</sup> Esse ideal masculino germinou em sintonia com seu equivalente feminino, simbolizado pela boneca Barbie, cuja figura esguia e turbinada em plástico loiro continua disseminando sua eficaz pedagogia em escala planetária.

Em sua dupla versão de gênero, portanto, trata-se de um tipo de silhueta moldada nos Estados Unidos da década de 1980, quando floresceram duas tendências paralelas e complementares: uma “obsessão dos invólucros corporais” e uma “cultura visual do músculo”.<sup>15</sup> Após o sucesso irradiado por essa nova modalidade corporal em nível global, espalhou-se a crença de que nenhum esforço deveria ser poupado a fim de converter o próprio corpo numa imagem de uma *pureza* jamais vista, como um “desenho de anatomia” que revelasse uma “tensão máxima da pele” e uma taxa de gordura “monstruosamente baixa”.<sup>16</sup> Generalizou-se, assim, uma luta cotidiana contra a teimosia da carne, na qual os sujeitos contemporâneos se embarcam com a intenção de atingir uma virtualização imagética tão descarnada como descarnante. Desse modo opera, aliás, a moral da boa forma: submetidos a todas as pressões do desencantado e deleitoso mundo contemporâneo, os indivíduos são interpelados pelos discursos midiáticos e pela aluvião de imagens que ensinam tanto as feições como as leis do “corpo perfeito”; ao mesmo tempo, são informados sobre todos os riscos inerentes às atitudes e aos estilos de vida que podem afastá-los perigosamente desse ideal. Deles dependerá tornar-se o que são: seja transformando seus corpos numa vitrine de suas virtudes e seu invejável bem-estar, ou o contrário.

Mas acontece que o mero fato de viver – o acaso de ser um corpo vivo, orgânico e material – já é uma enorme desvantagem nessa missão, pois quase tudo conduz à fatídica deterioração física. Comer, por exemplo, mesmo que seja apenas alimentos leves e saudáveis;

<sup>14</sup> COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In : SANT'ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 86.

<sup>15</sup> COURTINE, Jean-Jacques. op. cit. p. 83 e 86.

<sup>16</sup> COURTINE, Jean-Jacques. op. cit. p. 86 e 114.

ou simplesmente estar no mundo enquanto o tempo transcorre e vai deixando suas abomináveis sequelas impressas na carne. Tudo conduz, inexoravelmente, à degeneração. Cabe formular, então, uma nova versão da pergunta central: em pleno auge do “culto ao corpo”, o que é exatamente isso que tanto veneramos? Apesar de todos os avanços, das lutas e das libertações que soubemos conseguir, em pleno século XXI, nossos corpos ainda são acusados de serem impuros e malditos. Claro que em outros sentidos, bem diferentes daqueles que estigmatizaram a carne humana sob o cristianismo medieval, por exemplo, ou mesmo daqueles outros que disciplinaram seus movimentos e desejos à sombra da moderna moral burguesa. Mas hoje o corpo continua sob suspeita e é submetido a uma intensa vigilância, pois sua carnadura insiste em tender fatalmente às tentações e às corrupções. Se antes, porém, os horrores suscitados por tal condição tinham a tonalidade da transcendência religiosa ou do intimismo laico – que podia envolver pecados terrenos, culpas interiorizadas e expiações divinas –, a nova versão desses pavores recicla as antigas penalidades para reorganizá-las em torno de um eixo que pertence à ordem das aparências. Por isso, as tentações agora assumem outras formas: alimentos calóricos, drogas, cigarros, álcool, hábitos sedentários e outros costumes que se consideram insalubres ou pecaminosos. Já a corrupção, por sua vez, apresenta-se sob a sombra do envelhecimento e todo seu séquito de efeitos colaterais desagradáveis: gordura, flacidez, vincos, despigmentações, calvície, dentre outros sinais da organicidade precívél e da finitude biológica.

São múltiplas as repercussões desses deslocamentos em nossos alicerces morais, cujas implicações ressoam por toda parte. Um exemplo seria a aversão provocada por certas imagens que mostram cenas eróticas protagonizadas por idosos, como é o caso do filme *Wolke Neun*, do diretor alemão Andreas Dresen – aqui apresentado sob o título *Nunca é tarde demais para amar*, embora uma tradução mais literal seria algo como *A nuvem nove*. Esse longa-metragem se tornou alvo de polêmicas e gerou muita discussão ao estrear, em 2008. O motivo? Ter ousado expor, na tela grande do cinema, os corpos nus de uma mulher e dois homens, todos septuagenários, exercendo suas paixões carnisais

num clássico triângulo amoroso. Ou seja, o tipo de visão que não teria espantado ninguém se os personagens fossem interpretados por atores jovens e bem esculpido, pois não foi nem a nudez nem a intensidade sexual dos atos o que tornou essas imagens perturbadoras. Sem dúvida nenhuma, o incômodo tinha outra origem: o filme desafiara a rígida (embora bastante hipócrita) moral vigente, que impõe as tiranias do aspecto juvenil obrigatório e condena à invisibilidade tudo aquilo que ousa se distanciar dessa norma tão tenaz.

Um efeito comparável foi provocado pela ilustração de uma reportagem que anunciava uma notícia: o primeiro matrimônio civil celebrado na Argentina por duas mulheres, em abril de 2010. Para além das controvérsias emanadas do próprio texto informativo e da novidade que se estava divulgando, o elemento que mais irritou a sensibilidade do público leitor – a julgar pelos comentários deixados nas versões online dos jornais – foi a foto: uma imagem que mostrava o beijo feliz da dupla recém-casada, com um buquê de flores e a certidão de casamento na mão de uma das noivas. A causa do estupor foi o fato de que os cônjuges tinham 67 e 68 anos de idade, respectivamente, e o maior incômodo moral provinha do aspecto de ambas as senhoras: uma aparência física associável à figura da típica avó, muito longe das divas *bem-conservadas* às quais a indústria do espetáculo habituou nosso olhar. Notava-se, ainda, nas duas silhuetas entrelaçadas nesse abraço apaixonado, a inexistência de qualquer esforço visível por dissimular tal condição de “coroas”, o que as posicionava mais longe ainda daquelas imagens sensuais e glamorosas que nossa tradição midiática costuma associar aos perfis das amantes lésbicas.<sup>17</sup>

Um tipo de pudor semelhante a esse que leva a censurar a exibição de peles enrugadas, especialmente se flagradas em situações com conotações eróticas, é aquele outro que silencia as imagens de corpos gordos, sobretudo quando estes também cometem o atrevimento de assumirem alegremente seu peso e seu tamanho em escancarada nudez, ou quando praticam atos abertamente carnavais como comer ou fornicar.

<sup>17</sup> MARIANETTI, Marina. Se casó la primera pareja de lesbianas. *La Nación*, Buenos Aires, 10 abr. 2010.

MARIANETTI, Marina. Una jueza anuló el primer matrimonio entre mujeres celebrado en el país, 16 abr. 2010.

Trata-se de outro tabu raramente desafiado nas produções audiovisuais contemporâneas, embora esse caminho já esteja sendo trilhado e ameace implodir em breve, devido a seu potencial apelativo como um novo nicho espetacular. Por enquanto, e com alta diversidade tanto estética como política, episódios desse tipo povoam alguns recantos e becos da internet, genuíno antro das “imagens amadoras”, além de aparecerem em certos filmes mais ou menos alternativos como *Batalha no céu*, do mexicano Carlos Reygadas (2005), e *Estômago*, do brasileiro Marcos Jorge (2007). Mas nessa proposta de colocar em cena esse “corpo explícito” que as imagens midiáticas tanto procuram silenciar, o campo das artes plásticas já faz muito tempo que leva a dianteira: desde as feministas enfurecidas dos anos 1970, como Carolee Schneemann e Judy Chicago, até as pinturas mais atuais de Lucien Freud e Jenny Saville, passando pelas esculturas de Rebecca Warren e Berlinde de Bruyckere, as instalações de Gilles Barbier e Wang Du, as fotografias de John Coplans e Yves Tremorin, os retratos de Aleah Chapin e Ignacio Estudillo, para mencionar apenas alguns nomes quase ao acaso. Porque o catálogo é imenso e extremamente variado; além disso, a tendência parece muito vigorosa e inclusive irrefreável, tanto em sua vontade de denunciar as fendas do projeto purificador como em seus possíveis aportes à banalização de uma carnalidade espetacularizada.

### **Do feminismo ao velhismo?**

Apesar dessas explorações da condição encorpada que se desenvolvem atualmente no terreno das artes visuais, e mesmo considerando os sinuosos flertes da cultura midiática com certo “realismo sujo” hoje em voga, ainda prolifera essa forma de “censura” tão contemporânea, que se aplica com estrita severidade a quase todas as imagens corporais com direito a serem exibidas. No início de 2008, um caso especialmente emblemático chamou a atenção. Tratava-se de uma fotografia de ninguém menos que Simone de Beauvoir, publicada na capa da revista *Le Nouvel Observateur* em

comemoração aos cem anos do nascimento da filósofa francesa. A imagem fora clicada sem seu consentimento, em 1952, e nela a escritora aparecia nua, de costas, saindo do banho, durante uma visita a seu amante norte-americano Nelson Algren. Mas o verdadeiro alvoroço não foi motivado nem pela selvagem violação da intimidade dessa mulher falecida há mais de duas décadas, nem por sua nudez em rotunda exposição. Em vez disso – ou, melhor, além disso tudo –, o foco da tormenta apontou para o procedimento técnico ao qual fora submetida a imagem em questão: certos traços do corpo fotografado tinham sido retocados com ferramentas digitais.

Na época em que acontecera aquele clique furtivo, já faz seis décadas, a autora tinha 44 anos; logo, ela transitava a etapa da vida em que as mulheres se embarcam perigosamente rumo àquela zona cinza que constitui o abismo entre a juventude e a velhice. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que, naquele momento, Madame de Beauvoir estava virando uma “coroa”. Esse foi um dos motivos, justamente, pelos quais os editores da publicação justificaram o uso do *PhotoShop* no retoque de suas pernas e outros volumes corporais, alegando que os códigos estéticos da atualidade impedem publicar uma foto desse tipo na capa de uma revista sem que antes ela passe pelo cuidadoso escalpelo da edição digital. Ou, como afirmou um dos participantes do debate: “desrespeito teria sido não retocá-la”.<sup>18</sup> O argumento coincide exatamente com uma das premissas da atual moral da boa forma, que também alimenta “o mito do *PhotoShop*”, como o denomina Mirian Goldenberg.

Com seu puritanismo retificador, esse instrumento hoje tão fundamental para a produção de imagens corporais “protege a mulher de estar verdadeiramente ‘pelada’ ao eliminar as mínimas imperfeições do corpo feminino”, explica a antropóloga. “De certa forma, o *PhotoShop* veste a mulher ao despi-la de suas rugas, estrias, celulites e manchas”. Nessa pudica tarefa, a ferramenta digital “cria uma nova pele para a nudez feminina, que parece ser completamente lisa e imaculada”.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> SIBILIA, Paula. A bunda de Simone de Beauvoir. *Trópico*, São Paulo, fev. 2008.

<sup>19</sup> GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 81.

Afinal, caberia acrescentar aqui outro esclarecimento importante que sustenta essas práticas e crenças; e que, sem dúvida, contribui para reforçá-las. Como aponta a mesma autora, o único corpo que “mesmo sem roupas, está decentemente vestido”, de acordo com a moralidade atual, é aquele “trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gorduras, flacidez)”.<sup>20</sup>

Considerando, como pano de fundo, toda essa reconfiguração de valores em torno aos corpos humanos e suas imagens, vale a pena retomar aqui o episódio protagonizado por Simone de Beauvoir em 2008, tão involuntária como postumamente, mas que resulta sintomático por vários motivos. Primeiro, porque a dona dessa pele ora recauchutada e alisada com artimanhas informáticas foi uma das principais vozes do pensamento e das lutas feministas que cravejaram o século XX. Segundo, porque as mãos dessa autora escreveram centenas de lúcidas páginas sobre os complexos sentidos da velhice no mundo moderno e sobre a urgente libertação das mulheres numa cultura que as oprimia, reduzindo a complexidade e a potência de suas vidas à administração de um tipo menor de “capital corporal”. E, por último, pelo espanto que suscita o fato de que nosso ágil século XXI não saiba imaginar melhor forma de homenagear tudo isso do que vendendo, em primeiríssimo plano, a imagem de uma bunda covardemente roubada e convenientemente retocada.

Custa admitir que atitudes desse tipo ocorram justamente agora, quando “o segundo sexo” deixou de ser adjetivado como débil ou secundário, e são muitas as mulheres que avançam no âmbito público disputando os cargos mais importantes do planeta. Cabe notar que inclusive elas, essas damas que chegam a se instalar nos cumes do poder, tampouco conseguem driblar por completo as ambíguas severidades desta insidiosa moral da boa forma. Um caso que mereceu certo debate foi o da candidata à presidência do Brasil nas eleições de 2010, Dilma Rousseff, uma senhora que naquela época tinha 63 anos de idade e carregava uma

<sup>20</sup> GOLDENBERG, Miriam; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.) *Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 29.



densa trajetória política iniciada há várias décadas. Até então, aparentemente, nunca prestara excessiva atenção aos afazeres da cosmética. No final de 2008, porém, a então ministra do governo brasileiro se submeteu a uma série de intervenções estéticas radicais – incluindo cirurgias plásticas, dietas, lentes de contato, tintas de cabelo, maquiagem, mudanças de figurino e penteado – que a deixaram com uma aparência rejuvenescida. “Estou mais parecida comigo aos quarenta do que aos sessenta”, confessou numa entrevista à revista *Marie-Claire*, embora as fotografias de duas décadas atrás a mostrem com um aspecto bem diferente desse conseguido graças aos artifícios contemporâneos. E ainda acrescentou, brincando: “não cheguei aos trinta, que era meu sonho de consumo”.<sup>21</sup>

As transformações físicas de Dilma Rousseff foram realizadas pouco tempo antes da oficialização de sua candidatura; e tudo indica que seu motivo residiu, precisamente, nas implicações inerentes a tal decisão. Como aspirante à presidência nacional, pela primeira vez na sua carreira, a economista não dependeria de sua própria competência ou das negociações e disputas com seus pares, mas seu julgamento estaria em mãos dos telespectadores – ou, mais exatamente, no impiedoso veredicto de seus olhos. Deduziu-se que muitos desses votantes iriam prestar mais atenção à textura da pele, ao corte de cabelo e às roupas da primeira mulher a disputar tal cargo na história do país, do que a suas palavras e ideias, seus atos ou seus projetos com ressonâncias públicas. Tudo isso também logo deixaria de ser propriamente *seu*, na realidade, para começar a ser roteirizado pela equipe profissional dos “assessores de imagem” contratados pelo partido político ao qual aderiria. Apesar das diferenças em seus respectivos estilos e atitudes, amarras semelhantes parecem sujeitar a atual presidente dos argentinos, Cristina Fernandez de Kirchner: beirando já as seis décadas de vida, ela nunca deixou de dedicar boa parte de suas energias diárias a aprimorar sua aparência com um intenso uso de cosméticos e outros tratamentos estéticos como o *botox*, além de escolher cuidadosamente um vestuário sofisticado e jamais repetido

<sup>21</sup> GULLO, Carla; NEVES, Maria Laura. A mulher do presidente. *Marie-Claire*, São Paulo, 12 abr. 2009.

para cada ocasião. Algo que não parece pesar sobre nenhum de seus pares masculinos, ou pelo menos ainda não nessa magnitude. Por outro lado e em não poucas ocasiões, cabe notar que todos esses atributos e costumes também são capazes de despertar mais interesse que seus próprios discursos e ações.

À luz desses poucos casos rapidamente comentados nestas páginas – por considerá-los sintomáticos de certas mutações em nossas crenças e valores relativos à condição encarnada e, em particular, à nossa relação com a velhice, sobretudo para as mulheres – vale formular aqui alguns dos questionamentos finais deste ensaio. O que aconteceu nas últimas décadas para que, apesar de todas as vitórias obtidas no campo das lutas corporais, hoje sejam habituais esse tipo de atitudes e reações que denotam o insólito vigor dos novos moralismos? Por ventura, seria apenas uma permanência atávica dos rançosos machismos que balizam nossa tradição, bem como de certos tabus que ainda articulam a sociedade patriarcal e burguesa? Estaríamos observando, então, algo que – com paciência, boa sorte e novos avanços – logo será superado? Ou talvez, ao contrário, trata-se de um quadro extremamente atual, que exprime uma torção inesperada com relação ao que ocorrera em plena batalha feminista de meados do século XX, e que afeta especialmente as mulheres adultas neste início de milênio?

### **Um corpo pós-disciplinar, jovem e espetacular**

Se a intenção é apontar algumas respostas para essas complexas interrogações, em primeiro lugar, cumpre destacar uma constatação. É evidente que esse olhar tão contemporâneo, que despreza o que vê ao julgá-lo errado – ou, em outros termos, enrugado e adiposo – e procura consertá-lo ou ocultá-lo, não está impulsionado pela velha moral burguesa que rejeitava a exibição de toda nudez e se ruborizava diante de qualquer alusão à sexualidade. Bem longe dessa cosmovisão, a severidade deste olhar tão atual responde a outros mandatos morais, bastante diferentes daqueles mais antiquados, embora não menos rígidos e implacáveis.

Sob esta nova lógica, não é a visão do corpo despido e nem a ousadia erótica o que incomoda e acaba suscitando tais ímpetos censores. Ao contrário, aliás; tudo isso pode ser muito bem tolerado ou inclusive estimulado e até premiado no mundo contemporâneo, mas há uma importante ressalva: desde que as linhas das silhuetas que os protagonizam sejam perfeitamente lisas, retas e bem definidas. Eis a reluzente moral da boa forma em plena ação: aquela que não se envergonha nem se preocupa por ocultar a sensualidade mais escancarada, mas exige de todos os corpos que exibam contornos planos e relevos bem *sarados*, como os da pele plástica da boneca Barbie ou como os desenhos bidimensionais dos quadrinhos.

Michel Foucault já chegou a essa conclusão, como consta numa entrevista concedida há quase quarenta anos à revista *Quel Corps?*. “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado!”, sintetizava esse autor em 1975.<sup>22</sup> Sob os eflúvios da era digital, uma versão atualizada dessa permissão condicionada poderia acrescentar que, além de tudo isso, recomenda-se também depurar essa nudez exposta com a ajuda do *PhotoShop*. “A mulher pode não ter vergonha de mostrar seu corpo”, explicam Alexandre Werneck e Mirian Goldenberg em sua análise sobre as fotografias da revista *Playboy* no início do século XXI, “mas não, diz-se, sem que antes ele passe por uma sessão de revisão pelo software, que apagaria celulites, gordurinhas, manchas, estrias”.<sup>23</sup> As mudanças socioculturais que acabaram alterando o panorama até derivar nessas manifestações mais recentes, portanto, começaram a deslanchar já faz várias décadas: nos anos 1970, precisamente, quando a disciplina e a “ética puritana” entraram em crise como as grandes forças impulsionadoras do capitalismo. Então, “percebeu-se que esse poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava”, explica novamente Foucault, e “que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo”.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> FOUCAULT, Michel. Poder-Corpo. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979. p. 147.

<sup>23</sup> GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 80.

<sup>24</sup> FOUCAULT, Michel. op. cit. p. 148.

Em consequência dessa reviravolta, desativaram-se algumas das amarras que amordaçavam os ossos e os músculos modernos para imprimir neles os ritmos da fábrica, do quartel, da escola e da prisão. Não se tratou, contudo, de uma liberação total. Em vez disso, a contraofensiva colocou em marcha “uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos”.<sup>25</sup> Nos últimos anos do século XX e nos primeiros do XXI, estourou esse catálogo que lucra com o mercado do embelezamento, do prazer e do bem-estar, desdobrando novas regras morais e novos grilhões nesses corpos liberados do antigo poder disciplinar. Por isso, à lista de qualidades impostas às figuras corporais contemporâneas, rapidamente enumeradas por Foucault naquela entrevista – magro, bonito, bronzeado – seria preciso acrescentar, também, outra importantíssima: a juventude. Ou, pelo menos, o aspecto juvenil. Porque foi justamente nesse febril momento histórico, no final da década de 1960 e início dos anos setenta, quando a juventude se impôs como um valor indiscutível e universal; então, a aparência *teen* se converteu em sinônimo exclusivo da *boa forma*.

Em contrapartida, a velhice não perdeu apenas suas antigas glórias e honorarias, que enalteciam valores hoje claramente anacrônicos como a experiência e a sabedoria da maturidade, mas também terminou extravian-do quase todo seu sentido. “Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?”, lamentava-se sagazmente Walter Benjamin nos remotos anos trinta do século XX, esbanjando um arguto olhar premonitório.<sup>26</sup> Ainda se passariam três ou quatro décadas para que triunfasse, de vez, a famosa arenga que logo aconselharia “não confiar em ninguém com mais de trinta anos”. Em 1969, porém, quando a tendência já era incontestável, o escritor Adolfo Bioy Casares cunhou uma bela sátira dessa tirania da juventude inexperiente e viçosa que se impunha por toda parte. Em seu lúcido romance *Diário da guerra do porco*, o ficcionista argentino relata a gradativa implantação de um programa de extermínio dos anciões

<sup>25</sup> FOUCAULT, Michel. op. cit. p. 147.

<sup>26</sup> BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. In: *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política* (v. 1). São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994; p. 117.

e, junto com eles, a eliminação de toda a feiura e a impotência fatalmente associadas à velhice. Dois anos antes, em 1967, Guy Debord publicou seu manifesto intitulado *A sociedade do espetáculo*, que também contribuiu para a compreensão de tais desfechos. Tanto naquele livro quanto no filme homônimo, esse último autor denunciara o surgimento de um novo tipo de organização social, articulada em função das aparências. Assim, a imagem de cada um passou a ser fundamental para definir quem se é, e os códigos midiáticos que regulam essas imagens estão longe de ser “livres”.

Enquanto se desvencilhavam do peso inerte dos velhos tabus e outros fardos enferrujados, os corpos surgidos impetuosamente naquela época assumiram outros compromissos e selaram outros pactos; sobretudo, com os feitiços do espetáculo e seus deslumbramentos audiovisuais. “Como resposta à revolta do corpo”, esclarece ainda Foucault, “encontramos um novo investimento que não tem mais a forma do controle-repressão mas do controle-estimulação”.<sup>27</sup> Várias décadas depois desses deslocamentos e suas consequentes reacomodações, ainda acreditamos nesse mito do corpo juvenil como um valioso capital hiperestimulado que, infelizmente, vai se desgastando com o tempo, mas que não se deveria perder de jeito nenhum. Essa crença, que vislumbra uma concentração triunfal desse capital corporal na capacidade de exibir uma imagem jovem, enxuta e feliz, é das mais robustas – e tirânicas – da nossa época. Sobre essas bases, aliás, foi edificado um imenso negócio: um mercado alimentado diariamente por milhões de corpos “dóceis e úteis”, tanto femininos como masculinos, de todos os grupos etários e étnicos, bem como dos mais diversos estratos socioeconômicos, espalhados pela intrincada geografia global. Esses corpos consumidores se desesperam por comprar, com um entusiasmo digno de melhores causas, uma determinada imagem corporal: aquela que se considera válida ou adequada. Nesse itinerário, lutam sem trégua por manterem aquilo que de todo modo se esvairá: uma aparência jovem, lisa e *boa*.

O objetivo consiste em evitar, desesperadamente e com todos os recursos possíveis, a queda na temível casta da “terceira idade”. Tudo para

<sup>27</sup> FOUCAULT, M. op. cit. p. 147.

não virar, assim, um ser humano de segunda – ou de terceira, ou então, mais precisa e tragicamente: de última – categoria. Uma condição a todas as luzes inferior e mesmo deficitária, porque só se define pela falta daquilo que irremediavelmente se perdeu, mas que outros ainda possuem e ostentam com orgulho. É nesse sentido, portanto, que agora ninguém tem o direito de envelhecer. E, muito especialmente, são as damas as que mais sofrem as implicações dessa proibição. Não surpreende que nenhuma mulher queira virar “coroa” hoje em dia, pois o dinâmico mundo contemporâneo não cessa de martelar que ninguém deveria se deixar vencer por essas forças obscuras: aqueles fantasmas que, de todas as maneiras e com tanta insistência, jamais recuam em seu assédio. Nessa cruzada, tudo ou quase tudo vale. Inclusive algo que resulta curioso numa cultura considerada hedonista: o sacrifício da própria vida, seja em suas versões minúsculas e cotidiano ou na mais grandiosa e letal de todas. Isto último se constata nas mortes causadas por complicações em cirurgias plásticas, por exemplo, ou pelo consumo de anabolizantes, pelos excessos na prática de exercícios físicos ou nas dietas, e mesmo pelos acidentes com máquinas bronzeadoras ou tintas para o cabelo.

Uma explicação possível para esse peculiar fenômeno mana dos lábios da atriz hollywoodiana Virginia Madsen, que alugou seu rosto para protagonizar a publicidade do famoso *botox*, um produto cuja virtude consistiria em preservar o aspecto juvenil dos rostos que começam a se enrugam. Olhando com firmeza para a lente da câmera, esta celebridade da vez assevera que sua meta ao injetar regularmente essa mágica substância sob sua pele facial não consiste em “ter o aspecto de uma mulher de 25 anos”. Em vez disso, a atraente cinquentona – que, no entanto, não deseja virar coroa de jeito nenhum – confessa qual é sua intenção: “não quero ter 25 anos, só quero parecer eu mesma”. De modo similar, uma propaganda de crema para *la piel muestra la foto de una modelo sonriente que dice*<sup>28</sup> “eu não escondo minha idade, só não deixo ela aparecer”. Em que pese sua eventual incongruência,

<sup>28</sup> Tradução: [...] para a pele mostra a foto de uma modelo sorridente que diz: [...].

esses depoimentos fazem muito sentido numa sociedade como a que desponta nestes albores do século XXI. Ao misturarem de um modo aparentemente contraditório as atuais exigências de autenticidade e performance – a contundência do verbo ser com a leveza de estar e parecer, ou bem com as delícias do aparecer –, tais anúncios assumem que o direito de ser alguém ou “ser *eu mesma*” é um privilégio concedido somente aos jovens. Ou àqueles que, pelo menos, conseguem certo sucesso na árdua tarefa de aparentar que o continuam sendo.

## Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. V. 1 e 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- \_\_\_\_\_. *O segundo sexo*. A experiência vivida. V. 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. p. 170.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. V. 1. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994. p. 114-119.
- BIOY CASARES, Adolfo. *Diario de la guerra del cerdo*. Buenos Aires: Biblioteca La Nación, 2001.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: Da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Ed. Ideias e Letras, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Poder-Corpo. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979. p.145-152.
- GOLDENBERG, Miriam; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M (Org.). *Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.
- GOLDENBERG, Miriam (Org.). *O corpo como capital*. Estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2007.

\_\_\_\_\_. *Coroas: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade.*

Rio de Janeiro: Record, 2008.

KALACHE, A.; VERAS, Renato; RAMOS, Luiz Roberto. O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo. In: *Rev. Saúde pública*, São Paulo, v. 21, p. 200-10, 1987.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. A bunda de Simone de Beauvoir. *Trópico*, São Paulo, fev. 2008.

\_\_\_\_\_. *O show do eu: A intimidade como espetáculo.* Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. Imagens de corpos velhos: A moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana (Orgs.). *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas.* Petrópolis: Ed. Vozes: 2012.